

ESPAÇOS COMO LUGARES DA CIDADE

ESPACIOS COMO LUGARES DE CIUDAD

SPACES LIKE CITY PLACES

MACEDO, ADILSON C.

Arquiteto, Professor doutor, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, E-mail: adilsoncm2@gmail.com

RESUMO

Trato da geração de ideias e das questões relativas à formulação de projetos urbanos que tenham começo, meio, fim. Minha experiência é a do cidadão, arquiteto-desenhador e professor, que explora partes da cidade com colegas, alunos e, às vezes sozinho, isto ajuda nascer uma ideia de projeto. Junte-se o estudo dos elementos urbanos, as experiências práticas e os interesses de instituições preocupadas com a qualidade da vida nas cidades. Trato de projetos, como os entendi a partir das ideias iniciais e procedimentos de implantação. Aponto para o projeto urbano, que emerge da iniciativa de cidadãos comuns, de profissionais do ramo imobiliário e representantes de entidades oficiais. Comento sobre exemplos nacionais e internacionais finalizando com a ideia para remodelar o Vale do Anhangabaú, onde houve um projeto recente, comentado, mas não implantado.

PALAVRAS CHAVES: projeto urbano, ideia de espaço, projeto como ideia, contexto urbano, cidadão-arquiteto.

RESUMEN

Me ocupo de la generación de ideas y temas relacionados con la formulación de proyectos urbanos, los cuales tienen un principio, un medio y un final. Mi experiencia es la de un ciudadano, arquitecto-diseñador y docente, que explora partes de la ciudad con colegas, estudiantes y, a veces solo, esto ayuda a dar a luz una idea de proyecto. Únase al estudio de los elementos urbanos, las experiencias prácticas y los intereses de las instituciones preocupadas por la calidad de vida en las ciudades. Me ocupo de los proyectos, tal como los entendí desde las ideas iniciales y los procedimientos de implementación. Señalo el proyecto urbanístico, que surge de la iniciativa de ciudadanos comunes, profesionales inmobiliarios y representantes de entidades oficiales. Comento ejemplos nacionales e internacionales, finalizando con la idea de remodelar el Valle de Anhangabaú, donde hubo un proyecto reciente, comentado, pero no implementado.

PALABRAS CLAVE: diseño urbano, idea de espacio, diseño como idea, contexto urbano, ciudadano-arquitecto.

ABSTRACT

I deal with the generation of ideas and issues related to the formulation of urban projects, which have a beginning, middle and end. My experience is that of a citizen, architect-designer, and teacher, who explores parts of the city with colleagues, students and, sometimes alone, this helps to give birth to a project idea. Join the study of urban elements, practical experiences and the interests of institutions concerned with the quality of life in cities. I deal with projects, as I understood them from the initial ideas and implementation procedures. I point to the urban project, which emerges from the initiative of ordinary citizens, real estate professionals and representatives of official entities. I comment on national and international examples, ending with the idea to remodel the Anhangabaú Valley, where there is a recent project commented on, but not implemented.

KEYWORDS: urban design, idea of space, design as an idea, urban context, citizen-architect.

Recebido em: 11/10/2023

Aceito em: 01/04/2023

1 INTRODUÇÃO

Sob o título 'Espaços como lugares da cidade' mostro não ser necessário dados e planos oficiais do município para pensar e propor espaços atrativos para as pessoas. O cidadão interessado pode observar, imaginar, pensar, buscar um caminho para realização e pôr em prática a sua ideia preliminar de projeto, seja para um lote, uma quadra ou vazio da cidade. Junto com empreendedores e técnicos fazer acontecer a construção, de início alheio às prerrogativas oficiais, para depois cotejar por interesses comuns e ajustes necessários. A boa ideia é o motor do projeto urbano de qualidade e apresentarei esta matéria, através de uma pequena teoria e exemplos práticos tirados da experiência própria de olhar lugares. No desenvolvimento do texto vou mostrar um projeto com o qual aprendi como profissional - estudo preliminar para campus universitário - exemplo de concorrência pública por entidade oficial no Brasil.

O ensaio se organiza pelos subtítulos:

1. 'Introdução', as razões do trabalho de projeto urbano como iniciativa de cidadãos interessados em melhorar certo trecho da cidade. A contribuição para um projeto de investimento privado com eventual participação de órgão público. A característica do projeto urbano de ter 'começo, meio e fim', ou seja, se realizar em tempo previsto.
2. 'As partes do tecido da cidade', sobre a formação do tecido tradicional em São Paulo, tipos de loteamentos e o desenvolvimento físico. Projetos resultantes de empreendimentos decorrentes da história da cidade. A importância de a área estar bem delimitada para que sejam aplicados os procedimentos de projeto urbano.
3. 'A disciplina de projeto urbano', conceitos relativos ao pensar a cidade como o resultado de projetos desenvolvidos desde o início de sua construção e como acontecem no presente. Fundamentação dos estudos sobre a paisagem urbana. O caso do projeto para a implantação do campus da Universidade Federal de São Carlos no município de Sorocaba.
4. 'Ideias para trechos da cidade', o referencial teórico para o início de um projeto urbano de qualidade.
5. 'Espaços para viver e conviver', exemplos de lugares com destaque para a evolução da ideia do projeto. Exemplos do Citycentre em Houston, EUA e da Place d'Arts, em Nimes, França.
6. "Uma ideia de projeto urbano para o Vale do Anhangabaú, São Paulo". Sobre a origem da ideia para o arquiteto; conceitos precedentes. Pensamento do cidadão-arquiteto. A referência do Bryant Park, New York.
7. 'Comentários finais', saliento o proceder com o projeto de arquitetura das edificações, a importância da boa interpretação do programa do cliente, a racionalização do conhecimento de projeto e o aprendizado com as pessoas, o professor, o colega, o cidadão qualquer. As ideias que tenho e o tempo de atenção ao trabalho até agora. A arquitetura dos edifícios e da cidade, fruto do meu pensamento sobre arquitetura no projeto urbano, como o '*urban design*' dos norte-americanos. A importância dos procedimentos de trabalho e o gosto por inventar e construir espaços.

2 AS PARTES DO TECIDO DA CIDADE

As cidades crescem e mostram no tempo as alterações do existente, os prédios se modificam, aparecem espaços reurbanizados e novos. As cidades tradicionais refletem a qualidade do projeto de suas partes, do traçado aos edifícios. Qualidade que oscila entre muito bom e péssimo, dependendo da maestria dos projetistas. Modo geral, engenheiros e técnicos agrimensores para o traçado, engenheiros civis, arquitetos e projetistas para as edificações. O município de São Paulo quase todo urbanizado cresceu pelo processo de lotear glebas de proprietário único, sem a preocupação de haver continuidade das vias principais para o loteamento vizinho. Com o tempo vieram os procedimentos de urbanismo com ênfase no planejamento urbano e regional, eles definiram percursos para as linhas de trem, metrô; cursos de água foram retificados e definidas as vias que atravessam a cidade. Foram feitas 'cicatrizes' no traçado antigo, termo empregado por urbanistas dramáticos, que execram os tipos que na época foram considerados indispensáveis para a remodelação do traçado urbano, de São Paulo pelo menos. Momentos da história espelham o pensar de cidadãos, técnicos ou leigos sobre a trama urbana. Um fato que se tornou notório foi a renovação urbanística realizada pelo advogado-prefeito Georges-Eugène Hausmann em Paris, representando o poder público dos anos 1860. O prefeito e bom administrador que foi, Hausmann levou a realidade o desejo do imperador Napoleão III, para modernizar a trama urbana da cidade através da abertura de largas avenidas, muitas cortando na transversal a retícula de quadras existentes, remanejando os grandes parques existentes, implantando novos e construindo edifícios suntuosos. Hoje nos encanta a cidade de Paris cheia das 'cicatrizes' feitas por responsabilidade dos administradores do século dezenove. Conto esta estória para realçar a frequência em que as cidades e intenções de projeto se modificam, as cicatrizes são incorporadas, pessoas se conformam e outras se organizam para empreender novos projetos.

A quadra sofre modificações nos lotes que a compõe devido sua reunião ou a bipartição. Permanece firme como parte menor do espaço que resulta dos ajustes do traçado viário. Nos loteamentos antigos são frequentes as quadras com dimensão atingindo cem por cem metros (São Paulo), subdivididas em lotes vendidos pelo proprietário do loteamento para cidadãos ou empresas. Mais tarde surgiram as quadras estreitas e alongadas em curva ou trapézio. Para os lotes de esquina devido aos acertos das vias e a perspectiva de venda para edifício de uso misto, é atribuído um espaço maior. A padaria, o boteco, ... Em conjunto as ruas e as quadras podem ser consideradas a maneira primeira de se conceber o traçado urbano. A história pontua que nos lotes da quadra tradicional às vezes predomina a construção de casas em fileira, de empreendedor único. Bem estreitos ou largos dependendo do público-alvo, os lotes podem ocupar toda a face de uma quadra. Os lotes de esquina têm área maior, pensados para abrigar uso diversificado: lojas no térreo, apartamentos ou escritórios acima. As diversas configurações e dimensões de um parcelamento da

gleba em quadras, oferecidas pelos antigos empreendedores se poderia considerar como um projeto urbano rudimentar. Pois, a ideia e seu desdobramento tiveram começo, meio, fim e se destaca o papel do cidadão-empendedor ou da empresa construtora de pequeno porte.

Fora os traçados monumentais desenhados para realçar prédios do poder político, da igreja ou museu, localizados em geral junto a praças, a cidade tradicional apresenta um desenho de quadras repetitivo que se acomoda aos acidentes geográficos. Isto representa um conjunto de situações representativas do modo de construir a cidade; uma maneira conhecida. Penso nos conceitos apresentados pelo arquiteto-professor italiano Aldo Rossi, no livro *A Arquitetura da Cidade* cuja primeira publicação foi em 1966. O arquiteto-professor pronunciou um modo para entender a cidade: pela configuração de espaços que se repetem e outros únicos. ROSSI, 1977. Na Europa daquele tempo se desenvolveram os estudos de morfologia urbana. Eu passei algum tempo interessado em estudar os tipos de configuração urbana e enveredei-me pela morfologia, observei São Paulo e outras cidades. Escrevi sobre os tipos, mas, a carga de tantos teóricos foi pesada demais e após publicar alguma coisa sobre o assunto, reassumi o papel de simples desenhador. Voltei mais seguro apoiado em conceitos que aprendi e que tinham a ver com a disciplina de projeto urbano. Estudar os tipos é interessante e sobre o assunto é atual o livro da arquiteta-professora da Universidade de Utah, Brenda C. Scheer, 'The Evolution of urban form, typology for planners and architects', onde a autora chega ao estudo de tipos recentes além das quadras e edifícios tradicionais (Scheer, 2010)

3 A DISCIPLINA DE PROJETO URBANO

Conheço em um bairro de São Paulo edifício de esquina com três pavimentos, padaria e restaurante no térreo, acima dois pavimentos destinados a residências. Prédio bem projetado e construído, tendo dois pavimentos acima, talvez, quatro apartamentos com terraços escalonados, convidativos sobre a padaria. Seu nome é 'Deu Certo', com certeza alusão ao sucesso do empreendimento maior de um imigrante, ou filho, comerciante do bairro, com a experiência anterior da construção de casas na redondeza; não foi trabalho de um amador. A esquina chama atenção porque o prédio é bonito e o nome da padaria sugestivo. Existem outros empreendimentos de pequeno porte como este na cidade, que demonstram a iniciativa dos pequenos empreendedores para construir em terreno único ou justapostos, ocupando quadras tradicionais. Somados aos prédios que dia a dia se constroem mais altos, a diversidade de usos do solo e o relevo irregular dos terrenos, transparece a realidade diversificada da maneira de utilizar a quadra tradicional.

No Forma Urbis Lab. Universidade de Lisboa, se desenvolve uma pesquisa intensiva sobre os tipos de traçado urbano encontrados nesta cidade, daí selecionei a afirmação de um professor associado a esta pesquisa,

Questionar a forma da cidade que se produz por ações parcelares, encadeadas gradualmente no tempo a partir de uma noção de evolução e crescimento, implica reconhecer os esquemas matriciais de assentamento e refletir sobre a morfogênese do traçado ou, pelo menos, especular teoricamente sobre os elementos geradores e as relações estruturais que estão na origem dos traçados urbanos. Desta forma, ao reconstituir conjuntamente os estádios intermédios de um processo de formação, assim como a lógica subjacente ao resultado que a cidade construída exprime em um determinado momento, procuram revelar-se as matrizes elementares de assentamento que condicionam e regulam o processo de produção do traçado urbano ao longo do tempo. (Fernandes, 2013, pp. 71-72).

Em São Paulo, há casos de áreas públicas extensas integradas a trama da cidade, reservadas para habitação com o objetivo de contemplar famílias de baixa renda: 'construir um conjunto habitacional' para abrigar o maior número possível de unidades deixando modesta área para equipamentos básicos e vegetação. Um espaço onde não há lugar para o projeto, na acepção de projeto urbano envolvendo recursos privados, públicos e o gosto por oferecer locais interessantes em distritos afastados e mesmo perto do Centro. Também acontece em localizações centrais onde existem glebas destinadas para ZEIS, zona especial de interesse social. Lembro os tantos locais demarcados no mapa de zoneamento da cidade, que parecem esperar por projetos bem integrados a trama urbana. A presença do uso misto e as áreas verdes bem distribuídas constitui o melhor para se oferecer à cidade. Lugares significativos que incorporem a habitação social. Penso nisto como um arquiteto-desenhador, o indivíduo que a partir da compreensão de um programa de necessidades e conhecimento do sítio idealiza e desenha espaços para uma saudável vida cotidiana.

Como se diz nesta grande cidade, o tecido urbano parece uma colcha de retalhos. Doutra parte existe um relevante esforço oficial para planejar e elaborar planos, incluindo as ZEIS. Coisa boa, mas os projetos urbanos dependem de se tomar decisões criteriosas sobre o que, como construir em determinado lugar, entregar a obra realizada, com paisagismo, comunicação visual e mobiliário urbano. Isto dependerá da iniciativa, honestidade, perseverança e equilíbrio dos investimentos na parceria privado-público, maiores aportes financeiros pelo lado privado e a coordenação por empresa privada (para subsistir à troca de prefeitos

e consequências). Criada para a finalidade, pode ser uma das empresas parceiras do projeto. Começo-meio-fim, são às metas para acerto entre as partes e não haverá projeto urbano de êxito sem elas. Os procedimentos para implementação devem ser explícitos e aceitos pelas partes no início dos trabalhos. Por diversos caminhos o cidadão, o empreendedor, o arquiteto e a prefeitura podem realizar tal objetivo e até trabalharem em conjunto.

Os procedimentos de projeto começam por uma ideia, o fazer acontecer dependerá do empreendimento organizado para tal objetivo. Em glebas grandes, espaços vazios ou renovação, cabe a ação de projeto urbano. Vou apresentar exemplos destas situações com destaque para a atuação do arquiteto-deseñador. Aquele que procura entender e atender como transformar a estrutura física do lugar onde o projeto irá se desenvolver, assunto que tive a oportunidade de verificar pelos escritos do arquiteto-professor Kevin Lynch e ouvir dele nas aulas, quando fui seu aluno no MIT Massachusetts Institute of Technology, 1976. Retomo o conteúdo do livro *Site Planning* para destacar:

‘O terreno existente, e as finalidades que serão modificadas, situam-se nas duas nascentes de onde brota o projeto. Essas duas fontes estão curiosamente inter-relacionadas, de forma circular. A finalidade não pode ser declarada até que sejam conhecidas as limitações que o site irá impor, e o próprio site não pode ser analisado até que seja definida a finalidade para a qual será utilizado. Experiência anterior é necessária para quebrar este círculo: estabelecer objetivos realistas antes que um determinado local seja analisado, ou julgar um local antes que o objetivo detalhado seja conhecido’ (Lynch, 1962, tradução livre do autor).

Lynch, desenvolveu este conceito a partir da experiência com alunos de graduação e pós, do curso de arquitetura do MIT. Pela evolução de seu trabalho iniciado nas cidades de Cambridge e Boston observou que setores de perímetro claramente definido, pertencentes a mais que um proprietário, poderiam se transformar em lugares bons para as pessoas. Daí, o que Lynch se refere como a arte do *‘site planning’*, base física de referência para a disciplina *‘urban design’*.

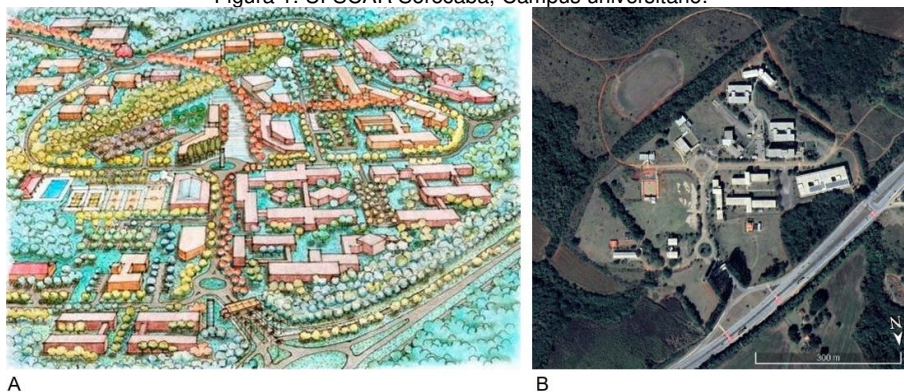
Naquela época, anos 1970, eu não percebia a diferença do que estava aprendendo nos EUA com o que aprendi na FAUUSP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Na escola onde recebi o diploma de arquiteto e urbanista se ensinava que o arquiteto deveria incorporar os campos das ciências econômicas, políticas e sociais; ser um *‘sabe tudo’*, onde os procedimentos do projeto e da construção ficavam junto a outras pautas de igual importância. Observo hoje que a determinação de grupos fortes na escola conduzia para este modo de ensino, a formação de planejadores urbanos, alçados como *‘urbanistas’*. Tudo bem, pois a faculdade é de arquitetura e urbanismo... Passado certo tempo, ao final dos anos 2000, como docente na FAUUSP, me chamou atenção um trecho do depoimento do arquiteto-professor Joaquim Guedes, para a colega Maria Cristina da Silva Leme, publicado pela Revista Pós/ FAUUSP.

‘Acredito que há uma gama muito grande de olhares sobre a cidade, os quais dão especializações, aprofundamentos, que têm a cidade como o centro, mas, no fundo, refletem preocupações, sensibilidades e possuem objetivo e capacidade operacional inteiramente distintos. Às vezes percebo-me discutindo muito isso, mas para demarcar campos e defender a necessidade de um aprofundamento de nosso campo, com cada vez menos gente. Por exemplo, em uma faculdade de arquitetura, considero hoje uma coisa, digamos assim, negativa, qualquer ênfase no conhecimento da numerologia das carências: falta esgoto, porque sempre falta, e esta exige um tão grande número de fatores, que não tem nada a ver com a arquitetura, e são preliminares, por exemplo: dinheiro, políticas, concepções de ação... muitas vezes envolvendo situações muito particulares, lutas locais que dão ênfase a uma coisa e não à outra... Isso vai da segurança, à falta de asfalto, à falta de escola, à densidade, ao congestionamento de tráfego... Tão amplo tudo isso, que qualquer ângulo que você pegue acaba estudando muito e sem necessidade. Aí, se a faculdade de arquitetura vai se preocupar com tudo isso, ela não faz nada (Leme, 2009).

Nossa escola continua hoje com arquitetos dedicados ao planejamento urbano e regional e há maior abertura para o projeto de arquitetura e da cidade, tecnologia, pesquisas relativas à habitação popular e no prédio da FAU funciona o curso de design. Ainda não se abriu espaço para o *‘projeto urbano’*, entendido como um empreendimento privado-público, como aprendi nos EUA. Não só na Escola, como nos órgãos do governo, pois no Brasil o poder das decisões está centralizado em gabinetes oficiais, e isto dificulta a real interação entre privado e público. Delongas à parte, vou tratar dos procedimentos relativos ao desenho da trama urbana, testado e útil para o estudo do espaço construído dos distritos, setores e subsetores de um município. Oferecer fundamentos para o projeto de estruturas que se individualizam na cidade, através do conceito de *‘área protegida’* quando possível. Chegar à ideia para um projeto urbano pelo viés do cidadão-arquiteto e apontar para os meios de sua implementação (Macedo, 2022).

Quanto a projetar espaços na expectativa de se tornarem lugares para as pessoas, comentarei sobre um projeto datado do ano de 2005, do qual fui responsável. Um exemplo dos modos usuais da época para o 'poder público' contratar um projeto urbano; o plano preliminar para a implantação do campus da Universidade Federal de São Carlos no município de Sorocaba, estado de São Paulo. Gleba de 70ha, situada 10km do centro da cidade. Terreno parcialmente arborizado, com um curso de água estreito e faixas arborizadas nas margens, quatro nascentes de água e relevo com declives variados, porém suaves. Um belo terreno, acessível por uma rodovia estadual. O programa de necessidades indicava dados parciais para os primeiros prédios a serem construídos. O cliente, Escritório Técnico do Campus, demonstrava interesse por sustentabilidade, parâmetro em alta da época. O estudo apresentado foi selecionado por concorrência pública - currículo e honorários - relativo à fase inicial da implantação do campus. Pelo nosso escritório trabalharam, arquitetos, biólogo, paisagista e engenheiro especializado para o sistema viário. Destaco a participação do arquiteto Sergio V. Dias Junior, coordenador técnico. Desde 2009 o campus vem sendo construído e a nossa empresa chegou a participar de concorrências realizadas para projetos de infraestrutura e de arquitetura, os primeiros edifícios do campus. Verificamos não poder competir com os profissionais da região em preço, pois eles apareciam associados a empresas construtoras de olho na concorrência pública para executar a obra. Perdemos a chance de participar do detalhamento do projeto de urbanização e da arquitetura dos edifícios. Ficou a ideia de conceber o campus universitário; continuada por outros, figura 1.

Figura 1: UFSCAR Sorocaba, Campus universitário.

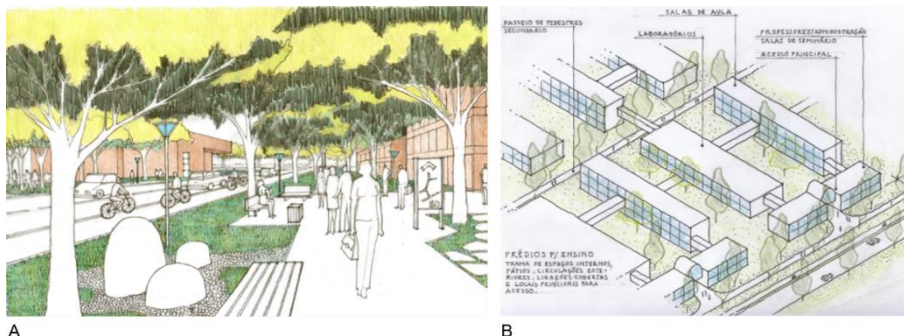


Fonte: Desenho do autor, 2005 e Google Earth Pro 2022.

Como estudo inicial entregamos diagramas, croquis e desenhos, uma relação dos critérios para construção e para possíveis ampliações. Foi uma boa documentação sobre a matéria, inicial para o detonar do projeto urbano. Este processo até estágios em que eu não mais participei, foi descrita e aprofundada criticamente pela arquiteta Liliane T. de Oliveira na sua dissertação de mestrado (Oliveira, 2009).

A continuidade do projeto urbano é possível por profissionais que sejam substituídos ao longo do processo, o que é natural. Escolhi este caso como exemplo da minha vivência pessoal e a oportunidade para demonstrar a imperfeição do sistema de contratações isoladas, tratando a ideia e o projeto como mercadoria de consumo oferecida por diferentes marcas. Indo mais à frente continuarei com os procedimentos que são típicos do encaminhamento de um projeto em diferentes contextos.

Figura 2: Circulação de acesso principal e articulação volumétrica das edificações



Fonte: Croquis e diagrama do autor, arquivo, 2005.

Fui levado a trabalhar com projetos de edifícios isolados e projeto urbano por oportunidades da prática profissional e do professor universitário sem vínculo exclusivo. Peguei o gosto por caminhar e olhar com atenção a cidade, os espaços construídos e sua ocupação pelas pessoas. Após anos de profissão usufruí da experiência de observar, saber da experiência de colegas arquitetos, professores e repassar autores com os quais muito aprendi. Tenho gosto por visitar uma cidade e o que vejo ao caminhar, tem a ver com os propósitos para chegar ao projeto urbano. Desta forma, a minha lembrança do projeto para o campus tem um aspecto sofrido. Traz à tona o mecanismo de contratação pelo 'poder público' de projetos de urbanismo e arquitetura, como fossem licitação para compra de equipamentos ou material de consumo; uma completa insensibilidade de administradores obrigados por lei para assim proceder, isto em 2005. Nos exemplos adiante vou dar atenção maior às razões de cada projeto.

4 A IDEIA PARA TRECHOS DA CIDADE

Cada projeto deve partir de uma ideia, mesmo quando o objetivo for atender uma necessidade premente, pois a ideia terá consistência quando for capaz de responder com criatividade a uma situação concreta. Os elementos urbanos básicos em qualquer circunstância são aproximadamente os mesmos e a questão principal está em explorar o programa de necessidades, formular propostas criativas e viáveis quanto ao arranjo do espaço físico; isto é o que se espera de nós arquitetos. A dimensão da área de intervenção importa bastante. Modo geral espaços de até quinze hectares são adequados aos projetos urbanos 'com começo-meio e fim'. Ter os elementos urbanos principais concluídos no tempo estimado, umas poucas diretrizes futuras, modo geral, relativas à habitação ou a ocupação por algum desenvolvimento de porte médio. Nunca deixar algo relativo aos elementos a urbanizar, como as formas de ocupar o território, paisagismo, mobiliário urbano e sinalização: estes devem estar prontos no prazo. A parte passível de construção após deverá ser ajustada entre os participantes do projeto urbano. Esta maneira de proceder arrisco dizer, vem dos anos sessenta do século XXI, proveniente da experiência norte americana que venho acompanhando.

As ideias que apresento se fundamentam no trabalho do arquiteto-professor da Universidade da Pennsylvania Jonathan Barnett publicado em dois livros. Neles o arquiteto registra a sua experiência obtida como coordenador do 'Urban Design Group' criado em 1967 pelo New York City Planning Department, por iniciativa do prefeito John Lindsay. O prefeito e o arquiteto tiveram papel decisivo para implantar o procedimento de 'urban design' nos Estados Unidos; depois experimentado por outras administrações públicas, empresas e profissionais; também no Canadá. Até aqui no Brasil, onde não houve continuidade. Os livros são importantes por apresentarem os conceitos relativos ao modo de fazer um projeto urbano, há relatos sobre aplicação e suas consequências (Barnett, 1974; 1982).

Na América do Norte desde a década de 1960, cresceram as críticas ao rodoviarismo e, particularmente se destaca a distância das famílias para atingir os equipamentos de apoio doméstico (compras, escola etc.) e locais de trabalho. Até hoje se reclama o tempo gasto nos traslados e do custo do combustível. Cresceram os estudos locacionais na área de planejamento urbano. Para o que nos interessa agora – o procedimento do cidadão a partir da ideia para um projeto - importa o Novo Urbanismo, um movimento desde 1980, que corroborou com os procedimentos do 'urban design' quanto as parcerias privado-público. Espalharam-se as oficinas de trabalho conhecidas por *charretes* para facilitar a concepção e implementação de projetos abrangendo múltiplos interesses. A *charrete*, é uma oficina de trabalho, que reúne grupos pequenos de participantes com vistas a obter conclusões parciais de projeto conforme campos de trabalho selecionados para cada sessão e seu registro semanal. Representantes dos grupos de interesse, técnicos, cidadãos e políticos participam. As decisões parciais processadas pela coordenação da 'charrete', são passadas para todos e assim se prossegue até chegar ao projeto em prazo previsto. A experiência norte americana é o que conheço melhor quanto ao desenvolvimento de projetos, em parte por a ter vivido e acompanhar o seu desenvolvimento. Hoje existem diversos textos, relatos de experiências sobre procedimentos e bons projetos para analisar, para um apanhado geral o livro *The new civic art*. (Duany *et al.*, 2003). Quanto aos procedimentos da prática, *The smart growth manual* (Duany *et al.*, 2010).

Desde a primeira década de 2000 se difundiram os conceitos relativos à valorização dos espaços para pedestres, assunto muito importante para o projeto. No Brasil, esta influência veio através de escritos e prática do arquiteto norueguês Jan Gehl, talentoso profissional que percorreu alguns países para divulgar suas ideias. Nada contra, pois Le Corbusier o fez como uma atividade não só para divulgar ideias e angariar novos clientes. Gehl esteve em São Paulo a convite da entidade representativa do poder público, SP Urbanismo e foi contratado para um estudo de remodelação do Vale do Anhangabaú. Muito dinheiro gasto e o projeto não teve sequência. Isto pelos anos 2015, fato episódico de projeto custoso para a cidade, de onde ressalta a questão relativa aos projetos encomendados a empresas internacionais. Da proposta do festejado profissional

para reorganizar a plataforma existente no Vale, construída sobre as artérias responsáveis pela ligação norte-sul da cidade e o desejo de criar 'espaços para pessoas' no centro da cidade, a resposta foi um projeto com ênfase no paisagismo, cujo destaque foi um enorme espelho de água, que a pouca gente convenceu. Respeitada minha admiração pelo iminente arquiteto estrangeiro e olhando com atenção o projeto, observei que o espelho de água poderia servir melhor para os pobres tomarem banho e lavar roupa, do que para pessoas mais exigentes passearem tranquilamente por lá. O que agora comento foi discutido em aberto na época e o projeto encomendado a Gehl resultou em outro projeto bonito, bem divulgado e não realizado em São Paulo. Penso isto ser decorrente de as decisões ficarem com o 'poder público', que não compartilha o comando com empresas privadas; as parcerias são muito difíceis de acontecer. No campo do urbanismo isto se demonstra pelos muitos projetos para a cidade não realizados, e deles há exposições promovidas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo. Fato de que não se deve orgulhar e sim chorar, o tempo e o dinheiro gastos ... Comento sobre isto pois a questão central deste ensaio é pôr à luz fundamentos para projetos urbanos e maneiras de realizar. Vou considerar o Anhangabaú como um exemplo e irei mostrar a ideia de que acalento para este espaço se transformar em um lugar da cidade. Apoiado nos exemplos exponho a minha opinião sobre o campo de projeto urbano Neste sentido, trago reflexões, algumas de escritos anteriores, mas, no fundo digo que você e eu podemos acalantar uma ideia para reurbanizar certo lugar.

5 ESPAÇOS PARA VIVER E CONVIVER

Exponho o que aprendi sobre arquitetura e a trama das cidades. Penso que a ideia de viver e conviver poderia ser percebida com maior frequência no Brasil e o 'projeto urbano' deverá ajudar. Reporto-me a autores e a projetos que participei ou acompanhei. Depois de visitar o CityCentre, localizado no município de Houston, Texas, sobre a viagem escrevi um relato que submeti a revista online Arquitetismo - Vitruvius. Foi uma visita informal, partiu de amigos que disseram 'é muito interessante o lugar, você vai gostar'. Gostei e vou apresentar o que penso ser interessante para o presente ensaio, dedicado à prática de observar a cidade e ter ideias sobre suas partes.

A ideia inicial para o CityCentre foi de uma pessoa, o advogado Jonathan Brisden, CEO da empresa Midway Investors, sediada em Houston, com cerca de cinquenta anos de trabalho no mercado imobiliário. O advogado apresenta a Midway como uma empresa de investimento, desenvolvimento, locação e administração imobiliária focada em reinventar, reimaginar e redefinir lugares com ideias ousadas e inovadoras. Brisden é também presidente do comitê executivo do ULI, Urban Land Institute, Texas. São dele estas palavras 'nós nunca realizamos um projeto tão grande, com tantas modalidades diferentes de apropriação do solo' (ULI, dezembro 2014). Faço este destaque para situar uma das maneiras de implementar o projeto urbano nos EUA e as referências pessoais têm o sentido de valorizar o elevado nível cultural, de agentes atuantes no mercado imobiliário. Na plataforma do ULI, Urban Land Institute, há um trecho desenvolvido por Allen Matkins, advogado e bom conhecedor do mercado imobiliário, que trata da articulação entre os interessados, os 'actors' como dizem os urbanistas norte-americanos e da evolução das fases de desenvolvimento do projeto CityCentre. A vista área na figura 3 mostra que o CityCentre está localizado na confluência de vias paralelas, auxiliares do viário principal, D1 e D2, com a finalidade de levar o trânsito para as outras duas vias de distribuição D3 e D4 que contornam a gleba reurbanizada, figura 3.

Figura 3: CityCentre, vista geral



Fonte: Google Earth, 23.10.22, diagrama do autor.

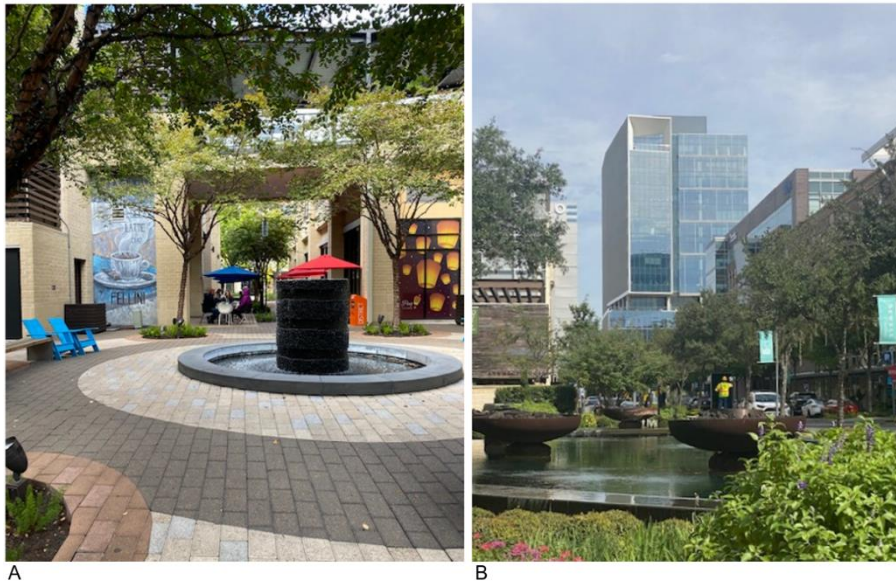
O projeto urbano foi desenvolvido por uma empresa privada, partindo de uma ideia e responsabilidade da organização do empreendimento até sua total implantação. As boas ideias devagarzinho se acomodam ao projeto urbano como uma prática interdisciplinar. Lembro de um texto interessante sobre o fazer lugares, publicado pela instituição Placemaking Leadership Council.

O *placemaking* inspira as pessoas a reimaginar e reinventar coletivamente os espaços públicos como o coração de cada comunidade. Fortalecendo a conexão entre as pessoas e os lugares que compartilham, o *placemaking* refere-se a um processo colaborativo pelo qual podemos moldar nosso domínio público para maximizar o valor compartilhado. Mais do que apenas promover um melhor desenho urbano, o *placemaking* facilita padrões criativos de uso, prestando atenção especial às identidades físicas, culturais e sociais que definem um lugar e apoiam sua evolução contínua. PLC, 2016.

Adquirida em 2004 a gleba totaliza 18ha e sua propriedade passou a ser de um grupo de empreendedores coordenados pela Midway Investors. A ideia dos proprietários foi aproveitar o melhor possível as quadras existentes e reforçar o caráter de múltiplo uso que ali existia. Resultaram lugares interessantes, prossegui curioso por percorrer os espaços construídos e conhecer melhor o programa para o projeto.

Segundo uma classificação geral de espaços - município, distrito, subdistrito, setor e subsetor - a gleba do CityCentre corresponderia a um subsetor. As fotos da figura 4 ilustram o sentido de espaço como lugar, ou seja, é bom percorrer a cidade por lugares agradáveis, encontrar uma área alargada, um pátio, uma calçada bonita. Com o objetivo de explorar a ideia de espaços para viver e conviver, se destaca a questão do projeto novo em sítios históricos, respeitar o antigo e construir o novo. Faz-me lembrar do ensaio já publicado pela 'Revista Projetar, projeto e percepção do ambiente', onde apresento um estudo para o distrito da Mooca, cidade de São Paulo, que versa sobre a questão de prédios altos junto a bens históricos (Macedo, 2023).

Figura 4, CityCentre, ambientes urbanos



Fonte: Fotos do autor, setembro 2022

Lembro-me de um projeto de arquitetura localizado em área de interesse histórico, selecionado por concurso internacional do qual foi vencedor um escritório da Inglaterra. O objeto da contenda foi a inserção de uma Midiateca na cidade de Nimes, na França. A cidade, particularmente o espaço - área central de Nimes - têm grande importância não só pela história, mas, pela maneira com que tem sido cuidado e apropriado pelas pessoas. Posso dizer que no pedaço que conheci, a reurbanização se fez com base em um ótimo projeto urbano. Pelas fotos inseridas nas figuras que ilustram o texto se pode imaginar tais cuidados, de um prédio ao desenho da 'arvoreira'. No sítio relativo ao concurso havia a pré-existência de um edifício datado de trinta séculos antes de Cristo e o programa a ser atendido pelos participantes deveria expressar as necessidades dos anos mil novecentos e oitenta do século XXI. O sítio físico se define como uma praça, a Place de la Maison Carré, cortada por um boulevard, fazendo parte dela um trecho vazio resultante de demolição, terreno destinado para a Midiateca de Nimes. O edifício projetado tem quatro pavimentos acima do nível da praça e

cinco pavimentos abaixo, aproveitando o declive do terreno para trás, em relação a fachada principal voltada para o prédio histórico (figura 5).

Figura 5: O local, com o novo edifício.



Fonte: Diagrama do autor

Saiu vencedor do concurso o escritório Foster & Associates, representado pelo arquiteto Norman Foster. Obteve relevância o concurso pelo terreno estar localizado em um sítio histórico dominado visualmente por um prédio muito antigo e bem preservado. O prédio da Midioteca serviu para delimitar a praça na medida em que se integrou ao alinhamento da via, o Boulevard Victor Hugo e aproveitou o declive leve para trás para situar os cinco pavimentos abaixo do boulevard. O projeto de arquitetura apresenta forte inserção urbana.

A Carré d'Art (Praça das Artes) demonstra como um espaço pode se tornar um lugar a partir de o projeto aflorar da compreensão dos elementos urbanos existentes. Muito diferente do caso relatado antes da universidade em Sorocaba onde a busca para o projeto foi feita através dos elementos naturais existentes em um sítio desocupado e programa de necessidades ainda embrionário. Em Nîmes, o prédio da Midioteca inaugurado em 1984, foi erguido em terreno defronte a uma praça onde já existia um prédio construído no ano 30AC, período da dominação romana sobre o território francês; um panteão chamado de Maison Carré.

Entendo a configuração proposta por Foster, ter implantado o edifício da Midioteca no correr do Boulevard Victor Hugo e fazer com que as colunas cilíndricas, de pequeno diâmetro constituíssem um contraponto com as colunas clássicas da Maison Carré. Assim se criou um átrio com a mesma altura da Maison contribuindo para fortalecer o fechamento visual da Praça das Artes, reforçado devido a continuidade do boulevard. A Midioteca com a mesma altura da Maison Carré, distanciada dela de modo que o espaço da praça defronte ficasse de formato quase quadrado. Entre a Maison e o correr de prédios geminados atrás dela fica um espaço estreito, cuja largura não impede a vista para a Maison. A composição do conjunto está enriquecida pela implantação de Foster e soma-se a outros espaços resultantes do projeto urbano de ótima qualidade na cidade de Nîmes.

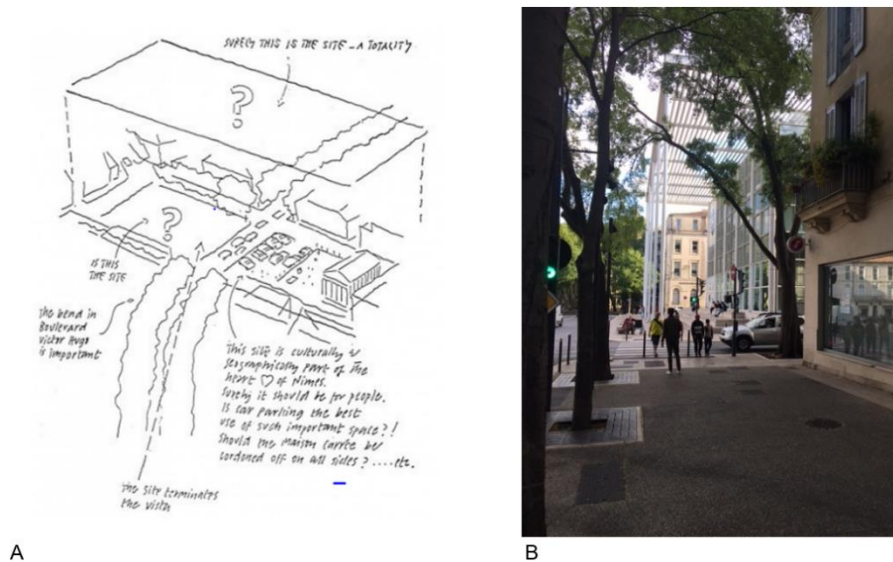
O professor-historiador Gérard Monnier (1935-2017), escreveu um artigo que trata de questões teóricas suscitadas pelo projeto dos ingleses. Inicia o tema pela afirmação de haver duas maneiras para se chegar a um estudo preliminar de arquitetura. Assunto candente da discussão entre os arquitetos, o primeiro relativo a ao programa de necessidades e ao sítio onde o projeto será implantado e o segundo relativo ao conceito de projeto como uma proposição fora das injunções do local e necessidades do proprietário, e sim, carregado de anseios teóricos no sentido da universalidade. Monnier discorre sobre o assunto no texto 'O olhar do estrangeiro, mobilidade dos arquitetos e abordagem do contexto: Norman Foster em Nîmes'. Daí destaco um trecho que resume o pensamento do professor.

Em relação ao debate sobre o estatuto do projeto, estas diferenças de estratégia tem uma forte atualidade, que opõe, como cada um sabe, os partidários do *contexto* aos criadores do *conceito*. Lembremos, resumindo, que em nome da autonomia intelectual, o conceito joga com a reivindicação narcisista do projeto livre das limitações da encomenda e da sua realização – o que permite tirar a arquitetura das contingências da vida social e material para dispô-la num plano superior, no sistema das belas artes, segundo o velho debate. Ao contrário, na abordagem *contextual*, admite-se a autoridade das determinantes locais e se trabalha sobre a pressão do real (a encomenda, as técnicas), propondo-se a dar uma resposta relativa. O dado contextual é, desta maneira, o avatar atual da questão, deixada em

aberto, do realismo na arquitetura (no sentido da relação da arte com a realidade (Monnier, 1993).

Aproveito tal argumentação e arrisco dizer que por um lado fica o arquiteto finlandês Alvar Aalto e do outro o francês Le Corbusier. Basta repassar a obra de cada um destes influenciadores da teoria em arquitetura. Vindo para o Brasil, lembro dos arquitetos brasileiros meus professores na USP, Joaquim Guedes e Villanova Artigas, que representam os partidários do 'contexto' e do 'conceito' segundo a classificação do francês. Esta classificação pode ser aplicada aos critérios para se produzir um plano ou projeto urbano. Pensar sobre estes conceitos ajuda-me a olhar a cidade com os olhos de um arquiteto-cidadão.

Figura 6: croquis de Monnier e a relação Midiateca/ Boulevard



Fonte: Commons Wikimedia e foto, arquivo do autor, 2022

O boulevard é um passeio agradável para se fazer, se integra com o átrio da Midiateca, observem as fotos.

Figura 7: A Praça das Artes / Carré D'Arts



Fonte: Arquivo, fotos do autor, Setembro 2022.

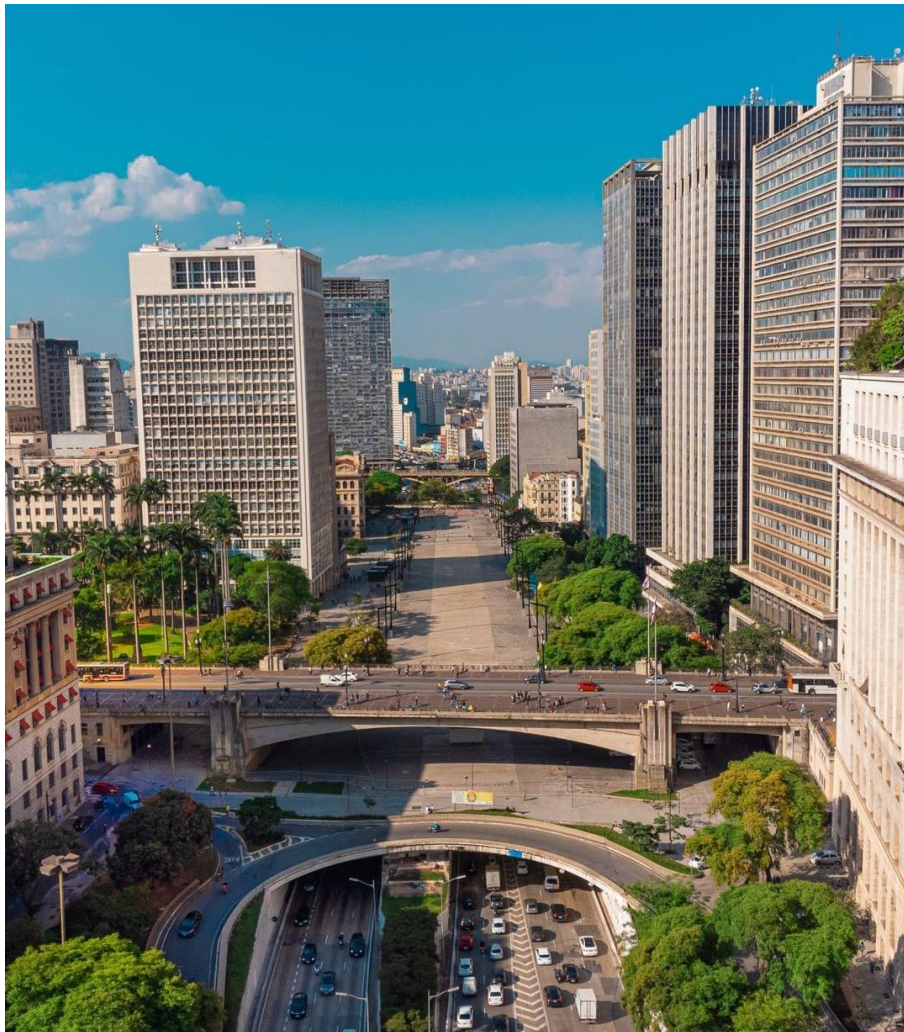
A questão de fundo colocada pelo edital do concurso foi relacionar o novo com o antigo. Buscava-se um projeto representativo de sua época, integrado ao conjunto construído existente e o projeto do escritório de Foster preencheu tais requisitos. No croqui da figura 6A Monnier sugere que a Midiateca foi construída na praça existente indicada por um ponto de interrogação (Monnier incluiu o lote da Midiateca). Após a nova construção a antiga praça ficou reduzida em área e sua designação por Carré d'Art parece se adequar, pois, passa uma via pública defronte a Midiateca e a vegetação do boulevard se interrompe pelo átrio de acesso ao novo prédio, figura 7. Em 7A aparece em primeiro plano as colunas da Midiateca e ao fundo a Maison

Carré, marcada por seu forte volume, em 7B, observar a continuidade visual do átrio com o Boulevard Victor Hugo.

6 UMA IDEIA DE PROJETO URBANO PARA O VALE DO ANHAGABAÚ, SÃO PAULO

Em tópico anterior critiquei a proposta de um importante arquiteto dinamarquês para o Vale do Anhangabaú em São Paulo e a maneira de sua contratação. Agora vou expor algumas ideias deste cidadão-arquiteto, na forma de diretrizes para o espaço com um todo. Em São Paulo eu seria muito criticado se as apresentasse aos representantes do “poder público”, mas, elas seriam ponderadas em um ambiente do tipo oficina de trabalho (*charrete*). Poderiam ser desenvolvidas, transformadas, gerar outras novas, até a opção aceita por maioria. Peço ao leitor considerar as ideias como o fruto da imaginação do arquiteto-deseñador que se arvora a reconfigurar o Vale.

Figura 9 Vista do Vale do Anhangabaú, São Paulo.



Fonte: Pinturesque, foto @ignacio_brunno, 2013.

Para ilustrar o que significa o espaço do Anhangabaú no contexto da cidade, nada melhor que a fotografia aérea tomada por um ótimo profissional, figura 9. Observe o espaço amplo da plataforma de concreto existente feita para cobrir a circulação de veículos na ligação norte-sul da cidade, o Vale, usado quando em vez para grandes manifestações populares. Este local tem sido objeto de vários estudos sobre sua ocupação. Na opção que apresento incorporei a área ajardinada com os coqueiros que aparece na foto a esquerda, logo depois do viaduto. Fica nos fundos do Teatro Municipal e há um significativo desnível até a plataforma.

De início tive a lembrança de dois conceitos sobre o imaginário urbano, modo geral indicados para espaços

menores. Referências de ambientes para as pessoas caminharem para o trabalho, olharem o movimento, se encontrarem para um bate-papo. O espaço público do Vale como um longo percurso trouxe para mim a lembrança de Gordon Cullen. Ele explica o conceito de recinto ou *'enclosure'*, termo adequado a ideia de fechamento visual de um determinado espaço, figura 10A. Quando houver uma saída marcante Cullen classificou a situação por *'closure'*, o tipo que nos interessa no momento, 10B. Estes conceitos, dentre outros sobre a paisagem urbana são explicados no livro *'The concise townscape'*. Observe a figura 10A onde o recinto residencial transmite o sentido de estar fechado visualmente como *'enclosure'*, segundo o iminente arquiteto; em 10B, um lugar da cidade de Aveiro em Portugal, se classifica como *'closure'*, por ser um recinto público com uma saída identificada visualmente. Este espaço faz parte do projeto urbano aplicado para a renovação de toda a área central de Aveiro. A figura 10 exemplifica conceitos básicos para se criar um ambiente urbano consistente nas cidades de tecido urbano tradicional (Cullen, 1961).

Figura 10: ilustração para os elementos urbanos *'enclosure'* e *'closure'*



A

B

Fonte: 10A, Desenho de Gordon Cullen, *Townscape* (p. 25). 10B, Aveiro, foto do autor, maio 2023

No projeto urbano de grande porte, o Anhangabaú, se deve incorporar estes conceitos, base para diretrizes gerais, de imaginar espaços para e com as pessoas. Equilibrar as diretrizes para todo o recinto com a qualidade possível de ser atingida estudando bem as partes menores, como certas passagens entre os edifícios altos existentes, os recuos laterais, construir anexos invadindo um pouco o Vale, novos prédios aproveitando terrenos ainda existentes ou obtidos da demolição de construções desatualizadas. Prédios de oitenta pavimentos e até mais, com acesso principal por vias distribuidoras da circulação motorizada do nível elevado e facilidades de acesso de pedestres até o nível da plataforma.

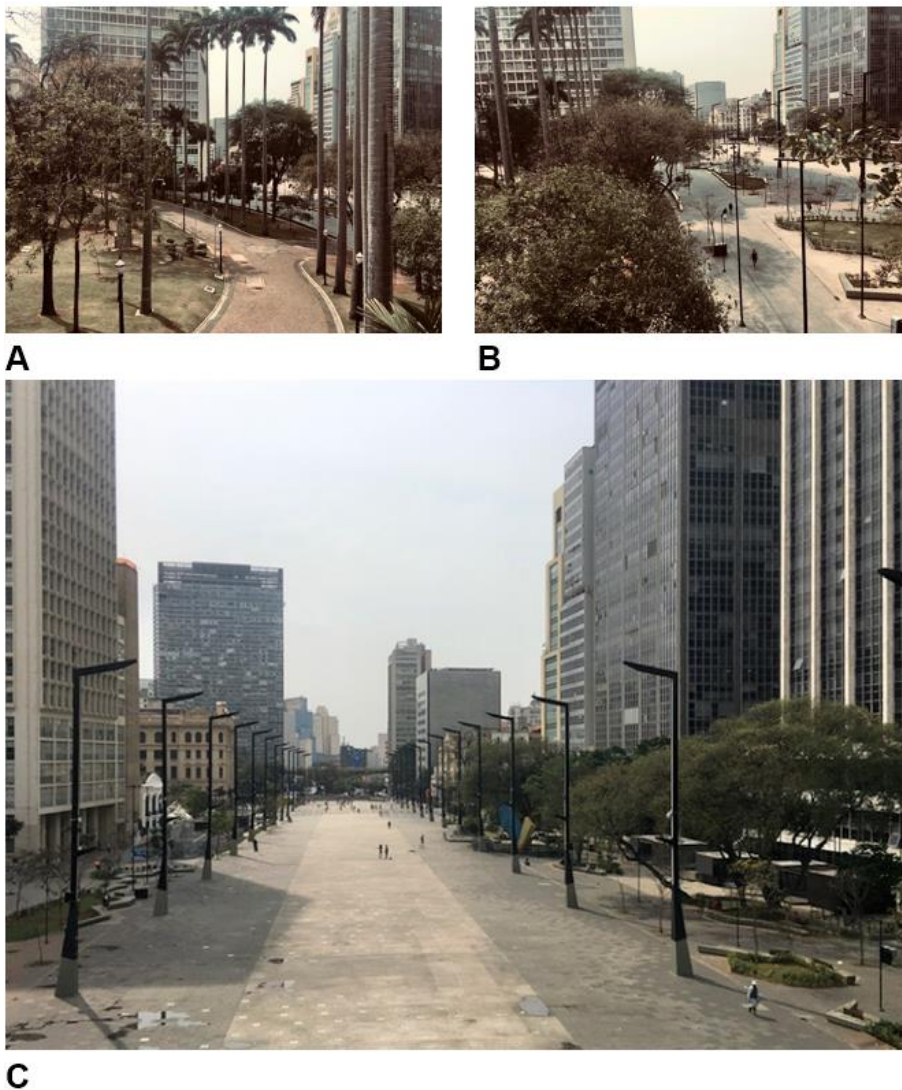
Com o tempo os espaços bem projetados se tornarão lugares da cidade. Novos arranha-céus seriam bem-vindos, pois é preciso colocar gente no Vale. Observar a figura 11, em 11A e 11B, a transição do jardim atrás do Teatro para o descampado. Este seria lugar de uma garagem, com até quatro pisos semienterrados e comércio aberto para o vale e deverá se achar uma maneira de preservar as palmeiras ... Nas figuras 11A e 11B aparece o local do jardim, no futuro ficaria entre os fundos do Teatro Municipal, cobriria o renque de lojas formando uma nova fachada acessível para quem está no parque e quer comprar algo ou tomar um lanche dentro da loja ou acomodado tranquilamente em mesa protegida por guarda-sol na calçada da plataforma. Lembro que a circulação de veículos até a garagem ficará bem localizada na via da encosta lateral do Teatro. A figura 11C demonstra a largueza e aridez do percurso longitudinal do Vale e estimula pensar ser necessário um arrojado projeto urbano, formado por construções híbridas, como sugerem as ideias deste cidadão paulistano, empolgado pelas possibilidades para projetos adequados a sua cidade.

A foto aérea do Vale na figura 9, datada de 2013, mostra o espaço de grande escala e a figura 11, de 2023 mostra aspectos da área - 11A e 11B fotos para mostrar o encontro do jardim detrás do Teatro com a plataforma. A foto em 11C realça o árido da plataforma e a ausência de acessos laterais. Passagens laterais a plataforma é imprescindível para sua animação como espaço público. Diriam os ingleses *'this is a big problem!'* Através da implementação de projetos parciais de discreta participação pública, dinheiro e

gerenciamento privado se poderia dividir o 'problema grande' por iniciativas parciais. Considerar os espaços por partes como mostrei em texto anterior (Macedo, 2023).

Pensar, tentar e resolver problemas tem a ver com ensinamentos do matemático, professor húngaro, George Polya, nascido em 1887 e que desde 1940 até o final de sua vida viveu em Palo Alto, California, trabalhando na Universidade de Stanford. em Palo Alto, Faleceu em 1985 com noventa e oito anos. Autor do livro 'How to solve it, a new aspect of mathematical methods', cuja primeira publicação foi pela Princeton University Press em 1945. O professor Polya era muito bom em heurística (o estudo de hipóteses que levam a descobertas científicas). No livro para explicar questões complexas de modo simples, Polya fez uso de quatro tópicos como segue - 1. Você tem que entender o problema - 2. Logo que entendido, faça um plano - 3. Desenvolva seu plano - 4. Revise e pense em como poderia ser melhor. Caso por este processo não consiga resolver o problema, o professor aconselhou tentar primeiro solucionar algum problema correlato e ver se você pode imaginar um problema semelhante mais acessível. Conclui, que o aprofundar as tentativas leva a resolução de um problema. Em 1945 Polya recomendou este processo para pesquisas e ele participou com ideias que deram suporte a métodos sofisticados de projeto e planejamento. Viveu em Palo Alto onde os avanços na ciência da computação foram enormes (Polya, 1945).

Figura 11: O espaço atrás do Teatro e plataforma do Anhangabaú



Fonte: Arquivo do autor, foto sábado 11.00h, 21.07. 2023.

Comecei pensar com seriedade sobre a questão de estabelecer uma estratégia de projeto, devido à complexidade de programas que a mim se apresentavam, também me ajudou o convívio que tive com o arquiteto-professor Joaquim M. Guedes, no escritório dele. Guedes gostava de explorar o programa arquitetônico e a maneira de construir cada grupo de espaços afins de um edifício. Racionalizar os espaços

que são do tipo repetitivo, que se resolvem por retângulos e aqueles que pedem uma forma mais livre. Fácil de observar em seus projetos para residências individuais. Naquela época o arquiteto-professor Guedes estava entusiasmado com a ideia de estudar os espaços requeridos pelo programa de um edifício por sistemas e subsistemas de espaços representados por diagramas lineares'. O objetivo era organizar conjuntos de espaços segundo os tamanhos de salas e sua posição relativa no prédio. Sobre este assunto o arquiteto-professor Rafael P. Schmidt desenvolveu sua tese de doutorado (Schmidt, 2016).

Tempo depois interessado em explorar ao máximo programas para projetos urbanos desenvolvi um procedimento denominado 'corredores e subáreas'. Isto servia para relacionar os percursos em torno de subáreas da cidade. Para os edifícios iria se buscar as formas mais adequadas conforme o contorno de grupos de espaços afins... Em São Paulo o espaço definido pelas vias que marcam o contorno mais elevado do Vale, definem a área do 'Projeto Urbano Vale do Anhangabaú', um setor da cidade. Aí se inclui o Teatro e a praça detrás caracterizando um subsetor. A plataforma central, contínuo de passagem, considero ser oportunidade para um 'calçadão', ladeado por frentes de comércio e serviços. As duas faixas em declive onde estão os edifícios altos, podem ser subdivididas para viabilizar descidas entre os prédios. Também se seguir tentando melhorar todos outros elementos da forma urbana (figura 11, ABC).

O Vale facilitou a solução do viário Norte-Sul e ofereceu a cidade a plataforma nos anos 1960, segundo o afã rodoviarista. Por ideia da época a cidade 'ganhou' a plataforma para grandes eventos públicos que acontecem poucas vezes e um problemão. Ressalta-se no Anhangabaú as poucas pessoas circulando no dia a dia face a dimensão do espaço. Situação em 2023, que sugere atenção para três pontos importantes - primeiro, as calçadas das vias na parte acima do rebaixo do Vale, responsáveis pelo acesso principal aos prédios existentes. As entradas de serviço e garagens acontecem pela plataforma inferior, uma circulação controlada para proteger os pedestres. Em segundo lugar, pensar como dar qualidade ao percurso dos pedestres sobre a plataforma, hoje pouco estimulante e inseguro; esta é a parte difícil do projeto. Nas vias da parte de cima da encosta nada a fazer por enquanto. Sobre a plataforma de concreto sim, muito pode ser feito. Terceiro lugar, uma ideia: imagino que as pessoas ao olharem na direção das edificações que circundam o Vale, poderiam observar no primeiro plano uma faixa de edificações baixas como extensão dos prédios altos da encosta. As entradas secundárias aos prédios altos acontecendo por falhas ocasionais das construções baixas. A faixa dos novos adendos seria interrompida pelas ligações com as vias das partes elevadas se aproveitando o recuo lateral obrigatório entre os edifícios. Na plataforma imagino construções novas, baixas (altura 12,00m, talvez), feitas com material pouco pesado pois, em parte, estariam sobre a plataforma. Ali poderia haver vitrines de lojas, restaurantes, lanchonetes, mesas na calçada, terraços de cobertura, enfim, uma sequência de fachadas atrativas para os transeuntes. Ver figura 12.

Figura 12: Vale do Anhangabaú, trecho principal, jardins, frentes comerciais e de serviços.



Fonte: Google Earth Pro, 22.05.2023, diagrama do autor.

Atrás do Teatro uma ideia para a revisão do projeto será tirar a conotação de fachada de fundos deste local. Haver acesso das pessoas até ao foyer principal para uso nos dias comuns, um tipo de espaço cultural, aproveitando a vista para o Vale e haver um pátio com restaurante, cafeteria, mesas externas e guarda-sóis. Tirar a conotação de hoje do Teatro possuir fachada de frente e de fundo. Na parte detrás, o espaço verde existente poderá ser revisto, para nele se construir uma grande garagem para veículos tendo acesso pela via lateral em rampa, ligando o nível do Teatro ao da plataforma do Vale. A fachada da garagem voltada para o Vale seria toda formada por estabelecimentos comerciais associados a plataforma. Este poderia ser o primeiro e grande empreendimento privado-público a ser implantado na área.

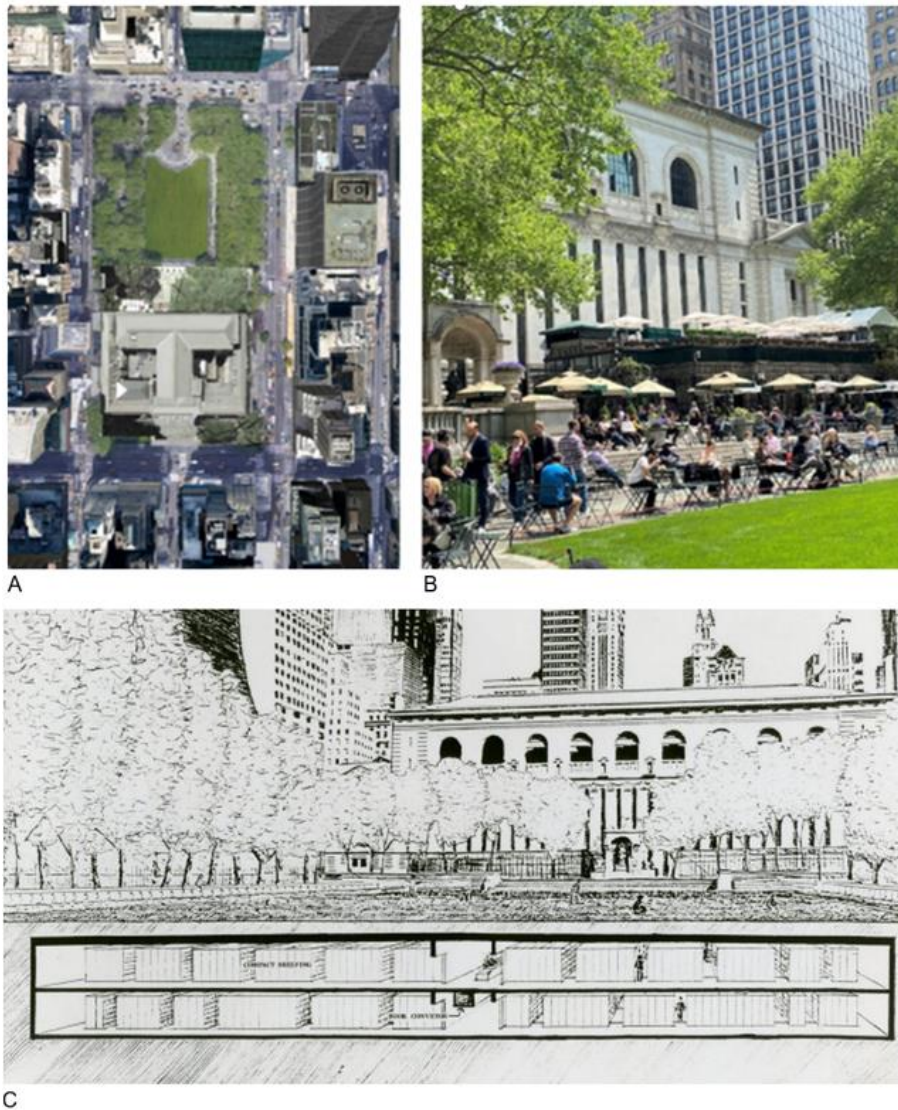
Hoje, quem estiver ao nível do piso da plataforma tem visuais para os fundos do Teatro e para acessos secundários dos prédios altos, entradas de garagem e de serviço (coisa feia!). Uma das razões de não haver muita gente por lá, as pessoas passam depressa pensando no seu trabalho e medo de assalto. O tratamento diferenciado da parte detrás do Teatro, com o jardim renovado e frentes comerciais para a plataforma poderá ser o primeiro grande empreendimento para renovação de todo o Vale. Deverá vir o atrativo dos prédios baixos em linha, dando vida ao passeio pelo Vale, construídos por detrás dos edifícios altos (pensar no *'closure'*) e as passagens entre os edifícios ligando a plataforma com as vias públicas dos níveis mais altos. O correr de prédios baixos promoverá um invólucro atrativo, pois se sentirá o primeiro plano de fachadas, a proximidade de transeuntes, a vegetação em generosas floreiras. Os acessos pelas vias acima que ladeiam o Vale, através de passagens entre os prédios irão se somar - ter vista - para o percurso que acontece na plataforma, no piso abaixo. A ideia fundamental deste projeto é atrair pessoas de diferentes classes sociais para o Vale do Anhangabaú e os turistas. Como diria Gordon Cullen, um *closure*, importante para a interação de pessoas de diferentes origens sociais. Veja novamente a figura12.

Hoje o espaço serve apenas como acesso de serviço para os prédios, incluindo o Teatro Municipal. Isto levou a se imaginar frentes de comércio e serviços atrativas junto aos edifícios altos. Imaginar espaços urbanos é coisa séria, não é fácil trabalhar com as pessoas, as vezes importa recorrer a exemplos de iniciativas de sucesso e buscar exemplos mundo afora pode ajudar. Vou mostrar algo vindo de Manhattan, NY, bastante interessante porque mexe com nossos colegas do patrimônio histórico; além disto trata-se de maneira exemplar de se proceder com o projeto urbano, como empreendimento privado-público. Vale lembrar que o projeto urbano se suporta através de uma clara composição de interesses privados e públicos, como desenvolver instrumentos de implementação, prazos exequíveis e aportes financeiros previstos de antemão para viabilizar o empreendimento.

Associo a implantação do nosso Teatro Municipal com a biblioteca pública localizada em Manhattan, distrito do município de Nova York, com frente para a Quinta Avenida. Nela foi colocado na fachada voltada para o parque um restaurante e lanchonete com mesas externas, figura 13A, a fachada principal voltada para a Quinta Avenida; em 13B, ao lado do parque aparece no primeiro plano mesas e guarda-sóis. Poderia se dizer que, imaginar, ter a ideia para situar novas frentes comerciais para os prédios do Vale do Anhangabaú se originou do Bryant Park, onde fica a Biblioteca Pública inaugurada em 1911 - arquitetos T. Hastings e J. M. Carrière. O parque existe desde 1847 e o seu terreno foi o local de muitas construções e demolições até assumir a configuração física atual e a gestão por empresa privada, uma *'private not-for-profit organization'*. A biblioteca tem acesso pela Quinta Avenida e através do grande vestíbulo se alcança a praça voltada para o gramado. Abaixo destes em dois pavimentos de subsolo fica o acervo da Biblioteca, figura 11C. Na fachada posterior, após a inauguração da Biblioteca foram justapostos um espaço para restaurante e a cafeteria, com um pátio para exterior para mesas com guarda-sóis. Avista-se o gramado e as árvores no entorno que formam um primeiro plano em relação aos arranha-céus do outro lado das vias emolduram este lugar da cidade. O paisagismo, arquitetura e decisões de projeto urbano se integram neste espaço de 3,9 ha, administrado por empresa privada sem fins lucrativos. O número de usuários do conjunto praça e biblioteca é o maior entre os espaços públicos norte-americanos. Deve-se lembrar que no período de inverno o gramado é adaptado para pista de patinação, são adicionadas barracas para alimentação e outros atrativos para utilização dia e noite.

A seguir na figura 13 mostro uma foto do Google Earth - 13A - onde a Fifty Avenue passa na horizontal abaixo e a parte detrás faz frente para o parque. Em 13B, aparece a fachada detrás com realce para a animação que a lanchonete e suas mesas externas proporcionam ao espaço. Em 13C, um corte transversal passando pelo jardim onde chama atenção os dois níveis de subsolo utilizados pela biblioteca pública. Faço lembrar o procedimento de recorrer a situações similares quando há dificuldade de se achar um caminho para uma nova proposta - no caso o Anhangabaú - onde a biblioteca em Nova York ajudou.

Figura 13: O exemplo de Bryant Park, foto aérea e vista da biblioteca desde o parque.



Fonte: 13A, Google Earth 12.06.23, 13B arquivo autor, 13C. Commons Wikipedia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer cidadão pode sugerir e colocar em discussão uma ideia para o projeto urbano. Havendo uma boa coordenação as discussões no formato *'charrete'* por temas correlatos, podem ser um veículo para tal objetivo. Reuniões parciais por assuntos selecionados levam a interfaces entre os participantes, ao aprimoramento técnico e, podem levar a frente uma ideia posta inicialmente. No evoluir do projeto a ideia será de todos. Defendo a contínua atualização de ideias para a construção de espaços de interesse público, a consideração de propósitos dos cidadãos e respeito ao que dizem os especialistas. Destaco o arquiteto-deseñador em seu trabalho cotidiano. Como ocupar o lote de uma quadra, toda ela, a parte de um distrito, ele todo e a cidade. Tarefa para o arquiteto, com interesse e grau de especialização para as partes de cada projeto. Seja de quem for a ideia inicial ela conta no caminhar de um projeto, sugere possibilidades

Mostrei exemplos do cotidiano que ilustram minhas convicções. Espaços configurados no passado, se aprende com eles, sobre a maneira de fazer e pelas transformações impostas a paisagem e a cidade. No Citycentre a ideia foi manter o traçado e as edificações em seu tipo tradicional de implantação; um princípio facilitador para a implantação do projeto associado a capacidade do empreendedor para agregar parceiros. O plano inicial para a UFSCAR em Sorocaba, serviu para *'cutucar'* a questão de como ainda são realizadas concorrências públicas para trabalhos técnicos aqui no Brasil, reflexo da centralização do poder de decisão. Tive sucesso ao ser selecionado para o plano geral porque além das pessoas de lá conhecerem meu trabalho,

importou a quantidade de atestados que reuni sobre planos semelhantes, documentos que os demais concorrentes não possuíam. O terceiro projeto, a Praça da Maison Carré em Nimes, ressalta um caso de concurso internacional em sítio histórico. Tema sensível para os interessados e saiu vencedor um escritório da Inglaterra. Isto motivou o artigo do professor Monnier com o título 'O Olhar do estrangeiro', sugestivo para mim, por levantar a questão de que a boa ideia tem muito a ver com o conhecimento do lugar e sua apreensão direcionada ao projeto. No texto ele comenta que o escritório Norman Foster na época tinha mais projetos em andamento para clientes do comércio e indústria. Conclui que em Nimes ele olhou com atenção e acertou na implantação da Midiateca. Para reforçar que a ideia inicial de projeto tem força, para o Vale do Anhangabaú apresentei algo do tipo que alguns poderão achar visionário. Foi resposta ao princípio de haver gente de diferentes origens convivendo ali. Pode ter continuidade através de olhares que se somem. Considerei a complexidade do projeto as interfaces dos interesses privados e públicos, fiz lembrar conselhos do professor G. Polya, influente por sua maneira simples de solucionar problemas, não apenas de matemática.

É importante haver liberdade para expor ideias sobre a cidade, trechos dela, inventar um projeto que sofrerá ajustes naturais oriundos da discussão. Bem fundamentada a ideia tende a ser aceita. Em outras palavras, um grupo de pessoas pode propor espaços que sejam atrativos para todos e fazer eclodir um projeto urbano. Um grupo privado pode ou poderia aqui em São Paulo buscar parceria com a prefeitura para desenvolver determinado projeto. Em áreas da cidade de São Paulo rotuladas para interesse social, seria oferecer profícuo uso misto e boa vegetação como recurso para as famílias carentes se integrarem. Nesta linha de pensamento apontei para a falência de projetos, incluindo concursos públicos malconduzidos pelo Instituto de Arquitetos junto com o poder público. Comentei aspectos vindos da experiência do arquiteto-deseñador sobre sua cidade, da trajetória que o levou a viver alguns anos em Brasília e períodos menores em Cambridge (USA) e em Londres. Somam-se os apontamentos sobre o tecido de cidades tradicionais e o vir a ser de lugares para as pessoas. Com atenção ao impacto do tráfego motorizado desenvolvi a ideia de 'área protegida', explicada no e-book 'Corredores e subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade', matéria correlata e complementar deste ensaio, MACEDO, 2020.

8 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BARNETT, J. *Urban design as public policy*. New York. McGraw-Hill. 1974.
- BARNETT, J. *An introduction to urban design*. Philadelphia. Harper & Row Publishers. 1982.
- CAMPOS FILHO, C. M. Reinvente seu bairro, caminhos para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo. Editora 34, 2003.
- CULLEN, G. *The Concise Townscape*, New York: Van Nostrand Reinhold, 1961.
- DUANY, A.; PLATER-ZYBERK, E.; ALMINANA, R. *The new civic art, elements of town planning*. New York: Rizzoli. 2003.
- DUANY, A, SPECK, Jeff, LYDON, Mike. *The smart growth manual*. 2010, Nova York, McGraw Hill: 2010.
- FERNANDES, S. P. Os elementos urbanos, Capítulo 4: Fundação e evolução dos traçados urbanos. *Cadernos MURb*, Morfologia Urbana, Lisboa, Argumentum, p 37-57, 2014.
- LEME, M. C. S. Entrevista Joaquim Guedes. *Pós*. Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, v. 16, p. 10-26, 2009.
- LYNCH, K. *Site Planning*. Cambridge, MA. The M.I.T. Press, 1962.
- MACEDO, A. C. Corredores e Subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade. E-book, Tupã. ANAP, Associação dos Amigos da Natureza da Alta Paulista, 2020 / 2ª edição 2021.
- MACEDO, A. C. Espaço para o projeto urbano. *Revista Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente*. n. 21, setembro 2022, pág. 24-37, v. 6, n.3.
- MACEDO, A. C. Da ideia ao projeto urbano, um estudo de caso. *Revista Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente*. n.23, Rio Grande do Norte, maio 2023, v.8, pag. 8- 25.
- MONNIER, Gerard. O olhar do estrangeiro. *Revista Óculum*, FAU PUC-Campinas, Campinas, n. 4, nov. 1993, p. 6-15.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. London, Academy Editions, 1980.
- OLIVEIRA, L. T. Novos campi públicos brasileiros, concepções espaciais. São Paulo. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2009.
- PERRY, C. (1929) *Plan of New York and environs / the Neighborhood Unit*. London, Routledge- Thoemmes, 1998.
- PLACEMAKING LEADERSHIP COUNCIL, PLC. What is placemaking? New York, ISSU, 25.10.2016.

POLYA, G. (1916) *How to solve it, a new aspect of mathematical method*. Princeton, University Press, 1945

ROSSI, A (1966) *A arquitetura a cidade*, Lisboa, Editora Cosmos, 1977.

SCHEER, B. C. *The evolution of urban form, typology for planners and architects*. New York, Routledge, 2016.

SCHMIDT, Rafael P. Projeto de arquitetura, um estudo sobre procedimentos projetuais do arquiteto Joaquim Guedes. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

6 AGRADECIMENTOS

Ao arq. Gastão S. Sales amigo, parceiro para discussão e companheiro em diversos trabalhos. Ao arq. Ruben D. Rodríguez pela sua colaboração na edição de duas figuras ilustrativas do texto. A colega arq. Liliane Torres de Oliveira, pela maneira inteligente com que fez a apresentação do projeto para o campus da UFSCAR, Sorocaba, na sua dissertação de mestrado. A equipe de trabalho da Revista Projetar, percepção e projeto do ambiente pelo apoio de sempre.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.